Maria José Cyhlar Monteiro

Um ano difícil para a agricultura

No transcorrer do Plano Real, a agropecuária brasileira ganhou destaque como um dos fatores que contribuiu decisivamente para a queda sustentada dos índices inflacionários, o que levou numerosos analistas a falar numa âncora verde. Ao mesmo tempo, foram amplamente noticiados protestos de lideranças rurais em face da crise atravessada pela atividade, bem como queixas da indústria fornecedora de insumos cujos indicadores de vendas se encontravam em queda livre. Já em fins de 1996, se anunciava para o ano seguinte uma supersafra de grãos. Pode-se perguntar então: o que ocorreu com a produção agropecuária brasileira em 1996?

O cenário da produção rural em 1996 pode ser mais bem entendido se examinarmos os fatos a partir de três aspectos: desempenho da produção, evolução da renda agrícola e contribuição da atividade para o desempenho dos índices de inflação.

Em 1996, a produção agregada das lavouras, medida no conceito de produto real (isto é, produção física medida a preços de 1985) registrou crescimento de 3%, resultado bastante influenciado pelo crescimento das safras de trigo (115%), café em coco (44%), laranja (11%) e cana-de-açúcar (7%). A colheita de outras lavouras importantes registrou declínio, como nos casos do algodão (-9%), cacau (-13%), milho (-12%) e arroz (-11%). Quanto aos demais produtos, houve estagnação.

O abastecimento interno entretanto foi sustentado pela existência de estoques (arroz e milho) e/ou pelas importações (algodão e arroz).

A produção animal, por outro lado, apresentou significativas taxas de expansão. A produção de aves aumentou 7%, o abate de boi gordo e o de suínos se colocaram em patamares semelhantes.

A conjuntura de abastecimento tranqüilo, conjugada ao pesado endividamento dos produtores rurais (conseqüência, ainda, da política econômica adotada pelos planos econômicos que antecederam o Real) e a abertura do mercado pressionaram os preços agrícolas, limitando sua recuperação. Os índices de preços recebidos das lavouras (média de 1996) subiram 6,4% ante o mesmo período do ano anterior (ano em que, por sinal, o IPR atingiu o fundo do poço quando considerado o período 1990-1996).

Essa expansão foi influenciada pelos aumentos de 39% nos preços da soja e de 20% nos do trigo. Em ambos os casos, a origem desses aumentos se deu no mercado externo, diretamente no caso da soja e indiretamente no do trigo. Neste último caso, o governo, preocupado com as repercussões de despesas com importação, concedeu um aumento expressivo ao preço mínimo do cereal (que redundou na expansão de 84% na área colhida). Quanto aos preços de outros produtos, os da batata-inglesa caíram 24%, os do café em coco, 19%, os da laranja, 36%, os do tomate, 19%, e os da cebola, 54%. Os preços dos produtos de origem animal continuaram uma trajetória declinante iniciada em fins de 1994, registrando queda média de 11%. Não é de admirar que os produtos agrícolas, pelo segundo ano consecutivo, tenham dado contribuição decisiva à estabilidade de preços registrada no período, quando o IGP-DI médio de 1996 aumentou 11% relativamente à média do ano anterior.

Se da perspectiva macroeconômica e do ponto de vista do consumidor o desempenho dos preços foi altamente favorável, para os produtores rurais o quadro foi bastante adverso. A renda bruta gerada pelas 21 principais lavouras registrou variação de apenas 1,6% em relação ao ano anterior. O melhor resultado teria sido obtido pelos produtores de trigo, se estes tivessem podido vender toda a safra ainda em 1996. Contudo, a colheita do cereal se concentra nos últimos meses do ano, e as vendas avançam pelo início do ano seguinte; assim, muitos triticultores foram afetados pelo declínio das cotações registrado em 1997. Os cafeicultores conseguiram obter bons resultados, dada a expansão da colheita, mas os sojicultores não conseguiram auferir totalmente os benefícios do crescimento de 28% nas cotações, uma vez que a produção se reduziu em quase 10%. Os fumicultores é que experimentaram um ano bastante favorável, uma vez que a produção e os preços, impulsionados pela situação do mercado externo, registraram crescimento.

As dificuldades dos produtores rurais tiveram impacto sobre o mercado de máquinas agrícolas automotrizes, que atravessou o pior ano de sua história. As vendas de tratores de rodas apontaram redução de 41% em relação ao ano anterior (apesar da queda nos preços, que foi de cerca de 10%), enquanto as de colheitadeiras caíram 37% e as de cultivadores motorizados, 41%.

Por outro lado, aumentaram as entregas de fertilizantes em cerca de 12%, apesar de um aumento médio de quase 6% nos seus preços, que pode ser atribuído em boa parte aos resultados econômicos satisfatórios obtidos pelos produtores de soja e fumo e ao estímulo dado ao plantio do trigo. O aumento dos preços dos fertilizantes, em 1996, se explica não tanto pelo aumento da demanda mas pelo fato de que os preços internacionais do insumo se recuperaram, após um período de declínio provocado pelas vendas da ex-União Soviética, que detinha expressivos estoques e estava pressionada pela necessidade de obter divisas.

Os resultados obtidos pela indústria de agroquímicos também foram favoráveis. O valor das vendas aumentou em média 16% em relação ao ano anterior. Quando se desdobram os dados por tipo de produto, observa-se que os aumentos mais expressivos foram os registrados nas vendas de fungicidas (22%) – o que deve estar relacionado, novamente, à expansão da cultura do trigo – e nas vendas de herbicidas (20%), o que pode estar sendo motivado pela intensificação do plantio direto.

E-mail: mjcyhlar@fgv.br